

Collor já não espera a ajuda dos EUA

Ministro da Economia pretende negociar um acordo de três anos com o FMI

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — Caminhando pela Avenida Pensilvânia, entre o hotel Willard e a Blair House, na noite da quarta-feira, o presidente Fernando Collor não parecia ter ilusões sobre o resultado de sua visita a Washington. Estava satisfeito por ter reatado o diálogo com o presidente George Bush. Mas, dos membros de sua comitiva, era o mais realista. "Não recebi nenhuma promessa", disse ele. "Nós mesmos temos de criar as condições para superar os nossos problemas".

Esta mesma sobriedade foi refletida na manhã do dia seguinte pelo ministro das Relações Exteriores, Francisco Rezek, depois do café da manhã que Collor ofereceu ao secretário do Tesouro americano, Nicholas Brady, e o presidente do Banco Central, Alan Greenspan. Ele disse que o conceito da "capacidade de pagamento" da dívida externa, embora válido e importante, não seria mais o único critério a orientar a posição brasileira na negociação da dívida. "Nós precisamos de recursos externos em grande escala e eles não virão se não fizermos uma composição com a comunidade financeira internacional", disse o chanceler. "Seria pouco sincero pensar que os países (industrializados) vêem o tema Brasil como uma questão de vida ou morte".

Tendo, finalmente, se dado conta

da sua irrelevância, o País terá, agora, de fazer o mais difícil se quiser aproveitar o capital de boa vontade que Collor amealhou em sua viagem. Não tem alternativa nem muito tempo a perder.

O ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, quer negociar um acordo econômico de três anos com o FMI. A idéia é ajustar a economia para valer, mas aos poucos, sem solavancos, e preparar o terreno para um grande acordo de redução da dívida. As negociações com o Fundo e os bancos começam no mês que vem. Politicamente isolado e sem base de apoio no Congresso, o desafio do governo será o de manter uma política de austeridade que seja convincente fora e aceitável dentro do País.

O Fundo, escaldado por tantos acordos frustrados com o Brasil no passado e cioso de sua própria reputação, com toda probabilidade insistirá em que o governo comece pelo começo e cumpra primeiro um programa severo, de um ano, para estabilizar a economia. O Tesouro americano concorda com o Fundo. As negociações já começaram nos bastidores e devem ressuscitar o velho debate entre o gradualismo e o tratamento de choque.

O ministro da Economia, que ficou em Washington, volta amanhã a Brasília, acompanhado do negociador da dívida, Pedro Malan, para preparar o arrocho interno e as negociações externas. O estilo "soft" vai passar por seu primeiro teste.

As conseqüências inflacionárias da liberação dos cruzados bloqueados parecem ser menos temidas entre membros de sua equipe do que no governo americano e nos organismos financeiros internacionais.